



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

REGISTO BIBLIOGRÁFICO

Livro equilibrado e perfeito — na ideia e na forma, o *Espanha* de *Antero de Figueiredo*, na sequência duma obra original e a cada novo título mais pujante de beleza emocionativa e artística, ficará, ainda bem para nós, como a demonstração brilhantíssima de que a mentalidade portuguesa, em nobre resgate, soube manter-se castiça e desenvolta, como é honrada lei de sua tradição, na baixa-mar ignominiosa, que nos trouxe o pequeno século da Grande Guerra.

Livro encantador e puro — alma de lusíada que se não contamina, antes cavalheirescamente peleja, no solo e no tempo estrangeiros —, madrugando ao que os jornais, a melhor gente das letras, a crítica e o mundo, em espírito e modas cesáreo ditador, de Lisboa e Pôrto lhe rendessem graças, louvores e aclamações vibrantes e unânimes, por estas apagadas terreolinhas de província foi lido com devoção, religiosamente, e querido e amado como alviçareira boa-nova.

Desde *Júlio Dinis* que as senhoras e as crianças não tinham definido a sua eleição de autor. Cabe a *Antero de Figueiredo*, em carinhoso sufrágio, essa glória: porque amam da arte a clara beleza do estilo e a purificação elevada dos sentimentos. Na mais frívola mulher há um coração de mãe e é esse coração, na sorte vária, o da intuitiva educadora da bondade, da singeleza, da vida afectiva. A anedota elegante, picada de humorismo sensual, abre-lhe pálidos sorrisos de jóia, como adôrno de trazer-por-fora, mas que, em casa, se despe e fecha cuidadosamente.

No Alcácer-Quebir de nossos dias, onde atassaham, a desgrenhada, o nome de Portugal as hordas aventureiras do impudor e crassa desvergonha, da pequenina ala dos *nacionalistas*, conjurados em salvar

a honra da grei, vem-nos este peregrino, com a espuma das ondas e as vieiras do mar, em hora de serão na casa triste e erma, tendo atravessado em romagem de saudade a nossa fraternal vizinha inimiga, e, na voz de *Camões*, de *Garrett* e de *Herculano*, mas com uma reverberação de côr prodigiosamente estranha, na magia do estilo seu, puro como em *Bernardes*, lírico como em *João de Deus* e de clara e doce precisão como em *Eça*, mas amassado em sofrimento, recolhido e atento em pensar, dizer-nos a esperança do ressurgir pela humildade, pela verdade, pelo amor.

As suas mãos de milagre — abençoadas mãos de artista — evocam a hora do passado com tamanho enlêvo e tanta alma, em tam funda e sentida recordação, piedosamente, angustiadamente, que ela reffloresce, toca-se de sol, perfuma-se de rosa e de cravo, doira e borboleteia, é asa de luz ascendendo em prece, é canto de ninho em murmúrio de ternura, e de espiritualidade se transforma e vem crescendo em aleluia de salvação.

Se a prosa é harmoniosa, casando o órgão das naves ao tear das aldeias, a ânsia dominante do seu génio, querendo aportar ao norte por entre o cerraceiro, reencarna o velho espírito da raça, histrionicamente vilipendiado.

*

Simples apontamento de carteira, impressivo e rápido, feito em dia de férias, em frente ao mar, que intensamente me absorve, não posso dedicar meu cuidado a esta obrigação, já tardia, sempre difícil. E reconlieço o sacrilégio, o amargo ridículo de levantar mão profana ou discorrer com leviano afan das leituras que, sendo as mais gratas ao nosso espírito, à consideração geral se impõem pelo bem que praticam. Assim com o *Espanha*, assim com o último volume dos *Paladinos da linguagem*, o livro de educação — *A Mãe de todos os vícios* —, as duas antologias sobre *Eça de Queiroz* do Sr. Dr. *Agostinho de Campos*.

Houve tempo — e quanto assim desbaratado! — em que me enjoavam as leituras nacionais, ou pelo estilo pesado, à sobre-possa, entaramelando em rebus-

cas de dicionário, ou monótono e charro, ensopado, água e sabão. Seria de mim; não seria. Mas a cada novo livro do *Eça*, como em cada página de *Ramalho* era um alegre amanhecer de luz e de frescura. Depois voltou a melancolia descaída, em que vibrava fortemente o génio atribulado de *Fialho*, erriçando de tojos o pedregoso caminho. Todos nós sofrêramos essa influência suprema, depois de *Camilo*; fôra a escola pública, não oficial, da nossa literatura: mas, talvez retida pelos acontecimentos políticos, a vida literária parara. E lentamente, pela reaprendizagem da língua, a arte de escrever português, que andava afradalhada de inossismo, rejuvenesceu. Apontaram os provinciais as modalidades, cheias de graça e vasadas na filosofia de muita experiência sofrida, de cada rincão. O estilo clareou de inteligência, suavidade, fluidez, e a hirta sintaxe do falso classicismo, sem acrobatar em disparates, mostrou, em elegância, variedade, espontaneidade, leveza, os imensos recursos de uma língua incomparável.

Limpam-se das teias de aranha os clássicos e atentamente, em seduzido interesse, foram analisados, apreciados, discutidos. Passagens, livros inteiros sepultos na farinha da traça, serviram lições de purismo, elegância, a nobreza da forma traduzindo com propriedade magistral a elevação do pensamento. E assim se desfez a lenda de exotismo e velharia que de nós, filhos da mesma terra e herdeiros dêsse fio de tradição que vem ligando o génio português através do tempo, os escondia, em alvorada risonha, como se de novo florescesse a graça, o amor e a fé que os animara.

Eça de Queiroz — falsamente acusado de estrangeiro, quando, no estrangeiro, se mantivera não só fiel, mas ainda exalçara, espiritualizando-o, o amor de lusíada, na escolha da acção e meio de seus romances e no apuro cada vez mais intensivo e claro da linguagem — é, depois, com boa e segura justiça considerado como renovador do estilo. Pelo cunho de limpeza, de sobriedade, de nitidez, de brilho e de bom gosto que indelêvelmente esculpiu na arte de escrever. Há maneirismos de forma, correntes antes de *Eça*, que, depois da sua obra, nunca mais ninguém se atreveu a usar. Por servil imitação? Não. Porque a coada luz da sua ironia e da sua finura aristocrática naturalmente cla-

reamam no entendimento comum. A sua acção, nesta qualidade, interveio e durou mais eficazmente que a de *Garrett*.

No estudo e no incremento seqüente desta verdadeira renascença que, depois de larga estagnação (devida em grande parte a fenómenos políticos), se acentuou para cá de *Eça de Queiroz*, e assim por êle genialmente senão preadivinhada pelo menos inflectida, cabe um grande, impulsivo e talentosíssimo esforço, salutar e profundo, ao Sr. Dr. *Agostinho de Campos*.

A sua obra, aparentemente dispersa, conjuga-se num todo homogéneo: é a obra do educador moderno, culto, em que admiravelmente se equilibram as qualidades de inteligência com as do sentimento, de portugueses dignos do Portugal honrado.

A propósito da sua antologia de *Camões* procuraremos miudamente analisar a obra dêsse homem que nos enche de admiração e de orgulho.

EDUARDO D'ALMEIDA.